

A Cobertura Jornalística da Guerra do Iraque nos Jornais Folha de São Paulo (Brasil) e *El País* (Espanha)¹

Cristiane Pereira²

Universidade da Região da Campanha (Urcamp)

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar comparativamente a cobertura da Guerra do Iraque realizada pelo jornal brasileiro Folha de São Paulo e pelo espanhol *El País*. Para isto, são selecionadas 50 matérias publicadas nestes veículos no período de 17 de março a 10 de abril de 2003. Ao final, observa-se que, mesmo analisando veículos presentes em diferentes contextos (um deles situado em um país que esteve envolvido político-militarmente na guerra e o outro distante da mesma), as coberturas foram bastante semelhantes.

Palavras-chave

Guerra do Iraque; *El País*; Folha de São Paulo.

Corpo do Trabalho

Desde o final do século XX, tem-se presenciado uma grande transformação tecnológica, econômica e social. Neste novo contexto, a revolução da tecnologia da informação tem papel fundamental. Tudo está conectado, integrado, através de redes globais. A sociedade vive uma nova era: a da *informação*.

Juntamente com o nascimento desse novo tempo, observa-se a multiplicação de conflitos e guerras. Estes confrontos acabam afetando fortemente a estrutura mundial. Como exemplos de conflitos de grande repercussão nos últimos tempos, estão a guerra no Oriente Médio (Israel x Palestina), o conflito na Colômbia, na Angola, na Chechênia, no Golfo, na Iugoslávia, na Irlanda e no Afeganistão. O último grande conflito que a humanidade tem acompanhado é o da Guerra do Iraque, que significou na invasão militar do território iraquiano por tropas norte-americanas, com o apoio da Itália, Espanha, Portugal e Grã-Bretanha (Força de Coalizão), no ano de 2003, se estendendo até a atualidade.

¹ Trabalho apresentado ao NP 02 - jornalismo, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Jornalismo de Conflitos pela Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha). Atualmente é professora da Universidade da Região da Campanha (Urcamp - Bagé) e aluna especial do doutorado da PUCRS.

Neste contexto, os meios de comunicação são extremamente relevantes. Cada vez mais os medias absorvem a função de formadores de opinião e agentes de apoio à transformação da realidade sociopolítica e econômica mundial. São atores que selecionam a informação, colocando interpretações e personagens à disposição do público.

Em meio a essas transformações, considera-se importante a realização de uma pesquisa que analise as coberturas jornalísticas de guerras e conflitos atuais, principalmente com a influência massiva das tecnologias sobre a produção e transmissão de informações. É preciso ressaltar que existe uma vasta bibliografia sobre o tema jornalismo e guerra. No entanto, a novidade do presente trabalho é o fato de buscar comparar as *coberturas da Guerra do Iraque* realizadas por um jornal cujo país não estava diretamente envolvido no conflito (Brasil) e por outro cuja nação participou politicamente e militarmente do mesmo (Espanha).

A Espanha, diferentemente do Brasil, foi um dos poucos países que apoiaram a invasão. O primeiro-ministro, José María Aznar, mesmo sabendo que a maior parte da população espanhola não estava de acordo com a participação na Guerra, enviou tropas para o Iraque.

Assim, de acordo com este critério, foram escolhidas para análise as coberturas do jornal brasileiro Folha de São Paulo e do jornal espanhol *El País*, dois periódicos de referência. A escolha da Folha se deve ainda ao relevante fato desta ter sido o único jornal brasileiro com correspondentes no conflito do Iraque.

Foram selecionadas para análise 50 matérias – 25 em cada jornal – que foram manchetes de capa destes veículos no período de 17/03 a 10/04/2003, compreendendo desde poucos dias antes do início do conflito até um dia após a tomada de Bagdá pelos norte-americanos. Também são comentadas as fotografias que acompanham estes textos. Cabe ressaltar, entretanto, que não foi realizado um estudo aprofundado destes elementos, pois a análise das fotos da cobertura poderia gerar sozinha outro tema de investigação.

Desta forma, o objetivo do trabalho era analisar comparativamente a cobertura da Guerra do Iraque realizada pelos jornais Folha de São Paulo e *El País*, verificando as fontes jornalísticas utilizadas nas coberturas em questão, identificando os temas mais recorrentes nas notícias analisadas nos dois veículos e, por fim, analisando a tomada de posição de ambos os jornais em relação aos principais atores do conflito.

A Cobertura Jornalística das Últimas Guerras

O novo cenário da comunicação internacional, característico da sociedade da informação, vem apresentando várias novidades em relação às coberturas jornalísticas de guerras, principalmente se compararmos os últimos grandes conflitos do final do século XX e início do XXI (Guerra do Golfo, Guerra do Afeganistão e Guerra do Iraque).

Salientamos três dos aspectos que sofreram mudanças consideráveis de uma cobertura para outra nos conflitos citados acima: tecnológico, conteúdo informativo e atividades profissionais, no quadro a seguir:

QUADRO 1 Aspectos das coberturas jornalísticas nos conflitos do Golfo, Afeganistão e Iraque

| | GOLFO | AFEGANISTÃO | IRAQUE |
|--------------------|--|--|--|
| Tecnológico | Transmissões ao vivo (grande novidade); Comunicação via satélite. | Transmissões ao vivo; GPS; Telefone Celular; Satélite; Computadores modernos. | Transmissões ao vivo; Videofone; Internet (imprensa alternativa); Telefone via satélite; Computadores portáteis. |
| Conteúdo | Censurado por sistemas de <i>pools</i> ; Ocultação de informações; CNN é o único veículo que permanece no local da guerra. | Controle de informação por parte dos Estados Unidos; Hegemonia da informação provocada pelas agências de notícias e jornais americanos; Surge outra visão: Al Jazira; Patriotismo da mídia americana. | Tentativa de controle pelo programa embedding; Crítica à guerra; Enfoque no sofrimento dos civis; Patriotismo da mídia americana; Variedade de fontes e veículos; Controle informação por parte do governo iraquiano; |

| | | | |
|---------------------------------|--|--|--|
| Atividades Profissionais | Jornalistas não reportam do front militar; | Jornalista não pode reportar, máximo contextualizar. | Jornalista no front militar quando levado pelos governos envolvidos; Repórter mais ativo (maior narração); Diminuição do volume de equipe e aparelhagem; Elevado número de mortes de jornalistas. |
|---------------------------------|--|--|--|

Assim, constata-se que, em poucos anos, os três aspectos sofreram modificações, o que provoca uma alteração constante no jornalismo de guerra, principalmente devido à influência e ao uso das *novas tecnologias*. Desde as primeiras transmissões ao vivo de um conflito (Guerra do Golfo) até as da Guerra do Iraque, muitos equipamentos foram inseridos nas coberturas. Na guerra do Afeganistão, por exemplo, o GPS e o satélite e, na do Iraque, destaque para o videofone. Além disso, neste último conflito, a Internet, apesar de já existir na cobertura anterior, não foi utilizada da mesma forma. Foi uma ferramenta para expressar opiniões e visões diferenciadas.

Já em relação ao *conteúdo*, percebe-se que um aspecto é mantido ao longo dos anos: a tentativa de controle de informação por parte dos governos envolvidos nos conflitos. Neste ponto, concorda-se com Mattelart (2002) que atenta para o falso caráter democrático da Sociedade da Informação.

Entretanto, algumas outras questões foram alterando-se em relação ao conteúdo, principalmente em relação às fontes de informação. Em 1991, o público tinha apenas a visão da norte-americana CNN. Em 2001, apesar da hegemonia de informação provocada pelas agências de notícias e jornais americanos, surgiu o contraponto da TV árabe Al Jazira. E, por último, em 2003, centenas de jornalistas vão ao Iraque, provenientes dos mais diversos países. Tentando se esquivar do controle imposto pelo governo iraquiano e norte-americano, estes profissionais acabam, em sua maioria, por mostrar o sofrimento da população iraquiana, enfatizando suas posições críticas à realização da guerra.

Já em relação às *atividades profissionais*, ressalta-se aqui, desde 1991, a diminuição do volume de equipe e aparelhagem em decorrência das novas tecnologias.

Além disso, o jornalista, nesta última guerra, pôde presenciar mais de perto o conflito, retornando ao caráter aventureiro ao qual se refere Hohlfeldt (2001): “Antigamente, dizia-se que o jornalista saía à caça de informações e a figura do enviado especial e, sobretudo, do correspondente de guerra contribuía para uma certa visão mítica do jornalismo, aventureiro e audacioso”. Entretanto, por outro lado, essa maior presença do repórter no *front* militar ocasionou um grande número de mortes destes profissionais.

Desta forma, percebe-se que, na verdade, estes dois últimos aspectos (conteúdo e atividades profissionais) estão intimamente ligados ao tecnológico. O surgimento de novas tecnologias, que facilitam as transmissões das informações e o acesso a diversas opiniões e visões (no caso da Internet), acaba influenciando no que é informado e na forma de trabalho dos jornalistas e das empresas de comunicação.

A Cobertura da Guerra do Iraque nos Jornais Folha de São Paulo e *El País*

Para atingir ao objetivo proposto neste trabalho, foi realizada, primeiramente, uma *análise temática*, proposta por Bardin, com “a contagem de um ou vários temas ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada” (2004, p.73). Os temas das 50 matérias selecionadas são identificados através da leitura total dos textos, que podem apresentar mais de um tema.

Com a leitura do material foi possível selecionar algumas categorias temáticas recorrentes: *operação militar*, *conseqüências aos civis iraquianos*, *número de mortos/feridos*, *armas de destruição massiva*, *ultimato da coalizão a Saddam*, *mortes de jornalistas*, *participação espanhola no conflito* e *manifestações contra a guerra*.

Abaixo, apresenta-se o significado que se atribui a cada um desses itens:

- *Operação militar* – quando o texto aborda ações militares (de ambos os lados do conflito), estratégias, armas, alvos, combates, vitórias, perdas.
- *Conseqüências aos civis iraquianos* – referência aos danos que a guerra causou aos civis iraquianos: mortes, mudança de rotina, destruição de casas e estabelecimentos.
- *Número de mortos/feridos* – citação do número de mortos ou feridos na guerra, seja de soldados americanos, iraquianos ou civis.
- *Armas de destruição massiva* – referência às armas de destruição massiva supostamente guardadas pelo Iraque e motivo da realização da guerra segundo o governo norte-americano.

- *Ultimato da coalizão a Saddam* – referência ao ultimato realizado pelos Estados Unidos e seus aliados ao Governo Iraquiano de Saddam Hussein para que este deixasse o poder a fim de evitar o conflito.
- *Mortes de jornalistas* – abordagem das mortes de jornalistas que estavam cobrindo a guerra.
- *Participação espanhola no conflito* – quando o assunto é a participação da Espanha na guerra como aliada dos Estados Unidos.

Além disso, a fim de verificar as *fontes jornalísticas* que foram utilizadas em ambas as coberturas, as mesmas foram divididas em dois tipos e subdivididas em várias categorias predeterminadas: São elas: *fontes para os jornalistas* (fontes oficiais da coalizão, fontes oficiais iraquianas, veículo da coalizão, veículo iraquiano/árabe, agência de notícia, civil iraquiano/árabe) e *fontes para os leitores* (redação, redação com agências internacionais, correspondente, enviado especial e repórter).

A seguir, apresenta-se a definição de cada uma das categorias acima:

- *Fontes oficiais da coalizão* – segundo Elias Machado (2003), as fontes oficiais são mantidas pelo Estado, por empresas e organizações como sindicatos ou associações. Neste caso, se aplica às relacionadas com as forças da coalizão.
- *Fontes oficiais iraquianas* – mesma definição apresentada no item anterior, porém aplicada às fontes ligadas ao governo iraquiano.
- *Veículo da coalizão* – meio de comunicação de algum dos países da coalizão.
- *Veículo iraquiano/árabe* – meio de comunicação do Iraque ou de algum país árabe.
- *Agência de notícia* – empresa especializada em coletar e difundir notícias. Segundo Alfredo Eurico Vizeu Pereira Jr. (2001), as agências constituem uma das principais fontes de produção de matérias noticiáveis.
- *Civil iraquiano* – pessoas de nacionalidade iraquiana, moradores das cidades em que aconteceu o conflito³.
- *Redação* – notícias produzidas dentro da própria redação do jornal.
- *Redação com agências internacionais* – notícias produzidas dentro da própria redação do jornal apoiadas em comunicados de agências.
- *Correspondente* – jornalista que cobre as notícias desde algum país ou região diferente do da sede do jornal.

³ Civis americanos ou dos países da coalizão não foram citados nenhuma vez como fontes.

- *Enviado especial* – repórter enviado a um determinado local especialmente para cobrir algum acontecimento, como uma guerra, por exemplo.
- *Repórter situado na cidade sede do jornal* – jornalista atuando como repórter local.

Após a verificação das fontes, então, foram comentados os títulos e as fotografias. O primeiro é considerado em razão da sua grande importância e revelações que pode apresentar. Pois, como afirma Berger (1998), o título anuncia uma intenção de leitura.

Já para os comentários das fotos foi utilizada a teoria de Vilches (1993) como apoio. Segundo o autor (1993)⁴, um dos principais elementos através do qual se organizam os conteúdos da foto de imprensa são os aspectos narrativos. A foto narra ações desempenhadas por personagens ou sofridas por eles.

A partir destes dados, optou-se por verificar que tipo de personagem as fotografias da cobertura da guerra dos dois veículos retratam: *político* (líderes dos países envolvidos e outras autoridades políticas), *militar* (soldados, prédios e veículos bombardeados) ou *civil* (quando um cidadão comum é o personagem). Além disso, são verificadas as fontes de cada uma das fotos.

Por último, para completar análise, busca-se uma conclusão inicial a respeito da tomada de posição dos jornais em relação aos principais atores do conflito: Estados Unidos e Iraque.

Uma das considerações do trabalho, talvez a mais relevante, é o fato das duas coberturas, apesar dos veículos pertencerem a países em situações bem diferentes dentro da guerra, serem semelhantes. Mesmo o Brasil, da Folha de São Paulo, estando distante do conflito, e a Espanha, do *El País*, estando diretamente ligada ao mesmo, as informações transmitidas ao público foram parecidas. Não somente em relação aos *temas* e *enfoques*, mas também em relação às *fontes*, *títulos* e *tomadas de posição*. Em relação às *fotografias*, é que se percebe diferenças marcantes, já que nenhuma das fotos utilizadas na Folha foi usada no *El País* e vice-versa. Além disso, a agência mais utilizada pelo jornal brasileiro nas fotos comentadas foi a Associated Press. Já no *El País* foi a Reuters.

Em relação aos *temas*, percebe-se, em ambos os jornais, o predomínio do assunto “operação militar”, seguido pela temática “número de mortos e feridos” e por “conseqüências aos civis”. Assim, fora a temática da operação militar, que naturalmente deve ser abordada em todas as coberturas de guerra, verifica-se dois temas inovadores no

⁴ Tradução da autora.

conflito do Iraque em relação aos do Golfo e do Afeganistão: a maior divulgação do número de mortos/feridos, dados que antes eram ocultados e manipulados, e a preocupação em mostrar o sofrimento da população iraquiana.

Outros temas importantes apareceram em ambos os jornais, porém em menor escala, são eles: “armas de destruição”, “mortes de jornalistas” e “Ultimato”. O *El País*, por sua vez, abordou um tema que a Folha de São Paulo não tratou: “a participação espanhola na guerra”, correspondendo ao valor jornalístico da proximidade. Já a Folha, diferentemente do *El País*, abordou o assunto “manifestações contra a guerra”.

No que diz respeito às *fontes para jornalistas*, ambos os jornais utilizaram mais as fontes oficiais, o que comprova a tendência dos repórteres preferirem este tipo de fontes. Assim, as fontes oficiais da coalizão foram as que mais apareceram nas matérias de ambos os veículos analisados, talvez por estas, nesta guerra, estarem mais acessíveis à imprensa do que as oficiais iraquianas. Pois, o governo iraquiano manteve um forte controle de informação. Inclusive, pelo que se pode perceber, este é um aspecto que, em parte, se manteve em relação às outras duas guerras. No conflito iraquiano, o governo dos Estados Unidos também promoveu a tentativa de controle da mídia, através do programa *embedding* (jornalistas “*embutidos*” nas tropas norte-americanos).

Outro ponto que é importante destacar em relação às *fontes para jornalistas* levantadas nos dois jornais é a pouca utilização direta do material proveniente de agência. Apenas 5% das fontes no *El País* foram agências e na Folha apenas 9%. Entretanto, este último jornal apresentou, nas *fontes para o leitor*, muitos textos produzidos pela redação apoiado em agências, 40% do total das fontes utilizadas.

Em relação a esse tipo de fontes (para leitores), se observa a forte presença dos enviados especiais – 64% no *El País* e 48% na Folha. Este resultado vem ao encontro do apresentado neste artigo que difere a guerra do Iraque pela elevada presença de jornalistas no *front* de batalha. Jornalistas norte-americanos, iraquianos, brasileiros, europeus, árabes, enfim, apresentaram diversos testemunhos e visões do conflito. Como enfatiza Alsius (2004), quando afirma que esta guerra apresentou uma grande variedade de fontes, desde os jornalistas enviados pelos meios até agências de posicionamentos diversificados.

Os *títulos* também tiveram um grande papel nesta pesquisa. Através da observação deles, e da percepção da fraca utilização da palavra “guerra”, conseguiu-se identificar que ambos os jornais se posicionaram em relação ao conflito, ao contrário do que aconteceu nas coberturas da Guerra do Golfo e Afeganistão. Em 1991, a sociedade

assistiu passiva ao “espetáculo” norte-americano e da CNN. Nesta última, houve um avanço da mídia mundial e do espírito crítico e cidadão da população.

Ainda em relação aos títulos, apontamos uma diferença entre as duas coberturas. Enquanto que a da Folha fez muitas referências aos Estados Unidos ou ao presidente Bush, o *El País*, em alguns casos, apresentou como sujeito a palavra “coalizão” ou “Aznar”. Neste momento, como já era esperado, contou, mais uma vez, o valor de proximidade pelo fato da Espanha fazer parte desta coalizão e do seu presidente ter sido o responsável por envolver o país em um conflito não aprovado pela sociedade espanhola.

Outra constatação levantada foi a semelhança entre os títulos publicados na Folha de São Paulo e no *El País*. Alguns deles eram muito parecidos, enfatizando o mesmo tema, e, em alguns casos, quase iguais, como o do dia 17 de março. No *El País*, o título foi: “Bush: É o momento da verdade”. E na Folha: “Bush diz que hoje é o dia da verdade”. Comprova-se assim, que, apesar da presença de diferentes enviados especiais no Iraque, os dois jornais analisados usaram fontes semelhantes. Graças, provavelmente, às novas tecnologias, como a Internet, que proporciona, muitas vezes, o acesso da redação às edições *online* de jornais internacionais, que, devido à diferença de fuso horário entre alguns países, já estão no ar. Além disso, comprova-se que o uso de agências de notícias como apoio ainda tem sido muito usado, provocando também esta homogeneidade.

Já o que podemos destacar nas *fotografias*, em ambos os veículos, é o predomínio de personagens militares, que, na sua maioria, estão em ação. Percebe-se ainda, o quase absoluto reinado das agências de notícias como fonte fotográfica, reduzindo até mesmo o trabalho dos repórteres fotográficos deslocados pelas empresas, como foi o caso da Folha de São Paulo, com Juca Varela. Apenas duas de suas fotos foram utilizadas nas matérias analisadas.

Para finalizar, os jornais Folha de São Paulo e *El País* apresentaram semelhantes tomadas de posição em relação aos atores da guerra. Os dois foram contrários à guerra promovida pelos Estados Unidos e se preocuparam em mostrar o que estava acontecendo com os civis iraquianos. Entretanto, observa-se que o jornal *El País* é mais crítico no seu posicionamento contrário a certas atitudes norte-americanas. O sentimento de envolvimento numa guerra que os espanhóis não queriam, provavelmente, pesou na hora da produção das matérias.

Assim, conclui-se que este trabalho, apesar de apontar que não existem fortes diferenças entre as coberturas da Folha de São Paulo e do *El País*, comprovou grandes e

importantes mudanças ocorridas na cobertura deste último conflito em relação às guerras do Golfo e do Afeganistão. Desde as inovações tecnológicas até a crítica à guerra.

É preciso considerar que a mídia internacional, nesta ocasião, avançou em muitos pontos, provocando uma forte reação da sociedade no mundo inteiro em relação ao conflito. Afinal, na Sociedade da Informação, a tendência é justamente essa: a conexão através de redes informacionais, nas quais os meios de comunicação têm um papel fundamental.

Referências Bibliográficas

ALSINA, Miquel. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1996.

ALSIUS, Salvador. ¿Ética no? Ningún problema: llámadle calidad. In: MOREIRA, Sonia Virgínia;

BRAGANÇA, Aníbal (orgs.). **Mídia, ética e sociedade**. Belo Horizonte: PUC Minas/INTERCOM, 2004. p.9-21.

AMARAL, Luiz. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra – DC Luzzato, 1996.

_____. **Jornalismo** – matéria de primeira página. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.

ARBEX, José. **Showralismo** – a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

_____. **O Jornalismo Canalha**: a promíscua relação entre a mídia e o poder. São Paulo: Casa Amarela, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BASTOS, Helder. **Jornalismo Eletrónico** – Internet e reconfiguração de práticas nas redações. Coimbra: Minerva, 2000.

BERGER, Christa. **Campos em confronto** – a terra e o texto. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

_____. Sobre a Guerra do Iraque: da indústria do medo à rebelião em rede. **Revista Verso e Reverso**, São Leopoldo: Centro de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, n.37, p.15-27, 2003/2.

____. Jornalistas na “guerra” do Iraque. In: MOREIRA, Sonia Virgínia; BRAGANÇA, Aníbal (orgs.). **Mídia, ética e sociedade**. Belo Horizonte: PUC Minas/INTERCOM, 2004. p.31-41.
CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

____. **Fim de milênio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

____. Internet e Sociedade em rede. In: MORAES, Denis (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.255-287.

CHAPARRO, Manuel. **Pragmática do jornalismo**. São Paulo: Summus, 1994.

CVIIC, Stephen. Objetividade e reportagem de guerra. In: GOYZUETA, Verónica; OGIER, Thierry. **Guerra e imprensa** – um olhar crítico da cobertura da Guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003. p.17-21.

DÁVILA, Sérgio. **Diário de Bagdá** – a Guerra do Iraque segundo os bombardeados. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2003.

____. Os 180 de Bagdá, os 700 embutidos. In: FONTENELLE, Paula. **Iraque** – A guerra pelas mentes. São Paulo: Sapienza, 2004. p.9-12.

DORNELES, Carlos. **Deus é inocente, a imprensa não**. São Paulo: Globo, 2002.

EFE. **Objetivo Bagdad**. Madri: Raycar, 2003.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em Jornalismo**. São Paulo: Ática, 2001.

FINO, Carlos. **A Guerra ao vivo**. São Paulo: Verbo, 2003.

FONTENELLE, Paula. **Iraque** – A guerra pelas mentes. São Paulo: Sapienza, 2004.

FORD, Aníbal. **La marca de la bestia** – Identificación, desigualdades e infoentretenimento en la sociedad contemporánea. Buenos Aires: Editorial Norma, 1999.

____. O contexto do público: transformações comunicacionais e socioculturais. In: MORAES, Denis (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.87-102.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Experiências temporais do jornalismo na cobertura de guerras. **Revista Verso e Reverso**, São Leopoldo: Centro de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. N.37, p.39-56, 2003/2.

GARAMBONE, Sidney. **A primeira Guerra Mundial e a Imprensa Brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GIBB, Tom. Ecos de uma outra guerra. In: GOYZUETA, Verónica; OGIER, Thierry. **Guerra e imprensa** – um olhar crítico da cobertura da Guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003. p.31-50.

GOYZUETA, Verónica; OGIER, Thierry. **Guerra e imprensa** – um olhar crítico da cobertura da Guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003.

GOYZUETA, Verônica. Jornalismo na guerra: nossas falhas em evidência. In: GOYZUETA, Verónica; OGIER, Thierry. **Guerra e imprensa** – um olhar crítico da cobertura da Guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003. p.51-62.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera V. **Teorias da Comunicação** – Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

LAGE, Nilson. **A Reportagem** – teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEÓN, Osvaldo. Para uma agenda social em comunicação. In: MORAES, Denis (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.401-414.

MACHADO, Elias. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

MAMOU, Yves. **A Culpa é da Imprensa**. São Paulo: Marco Zero, 1992.

MATTELART, Armand. **A Globalização da Comunicação**. São Paulo: EDUSC, 2000.

____. **Comunicação Mundo** – história das idéias e das estratégias. Petrópolis: Vozes, 1994.

____. **História da Sociedade da Informação**. São Paulo: Loyola, 2002.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda** – Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis, Vozes, 1985.

MOMPART, Josep. Guerra televisada y televisión bélica: Vietnam, el Golfo, Kosovo y Afganistán. **Revista Verso e Reverso**, São Leopoldo: Centro de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, n.37, p.109-130, 2003/2.

MONTEIRO, Eliana. A narrativa, a experiência e o videofone. **Revista Verso e Reverso**, São Leopoldo: Centro de Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, n.37, p.29-37, 2003/2.

MORAES, Denis. **Planeta Mídia**. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

___ (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

___. O capital da mídia na lógica da globalização. In: MORAES, Denis (org.). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p.187-216.

MOREIRA, Sonia Virgínia; BRAGANÇA, Aníbal (orgs.). **Mídia, ética e sociedade**. Belo Horizonte: PUC Minas/INTERCOM, 2004.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio (orgs.). **O Jornal** – da forma ao sentido. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2002.

NATALI, João Batista. **Jornalismo Internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

OGIER, Thierry. O choque, o espanto e o escriba dos tempos pós-modernos. In: GOYZUETA, Verónica; OGIER, Thierry. **Guerra e imprensa** – um olhar crítico da cobertura da Guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003.

PEREGRIL, Francisco. **Reportero em Bagdad** – história de uma guerra polêmica. Barcelona: Planeta, 2003.

RAYES, Chantal. A outra face da guerra. In: GOYZUETA, Verónica; OGIER, Thierry. **Guerra e imprensa** – um olhar crítico da cobertura da Guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003. p.23-30.

REBELO, José. **O discurso do jornal**. Lisboa: Notícias Editorial, 2000.

SANTOS, Rogério. **A negociação entre jornalistas e fontes**. Coimbra: Minerva Editora, 1997.

SERRANO, Manuel Martin. **La producción social de comunicación**. Madrid: Alianza, 1986.

STRELOW, Aline. **Pato Macho** – jornalismo alternativo de humor. Porto Alegre: PUCRS, 2004. Dissertação (Mestrado), Faculdade dos Meios de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

THOMPSON, John. **Ideologia e cultura moderna** – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TURDERA, Carlos. Hábeas data. In: GOYZUETA, Verónica; OGIER, Thierry. **Guerra e imprensa** – um olhar crítico da cobertura da Guerra do Iraque. São Paulo: Summus, 2003. p.91-96.

VILCHES, Lorenzo. **Teoría de la imagen periodística**. Barcelona: Paidós, 1993.